

A homilética: um panorama sobre a pesquisa a partir da Nova Homilética e seus desdobramentos nos Estados Unidos da América e na Europa

The homiletics: an overview of the New Homiletics' research and its development in the United States of America and Europe

Éder Beling¹

RESUMO

Neste artigo queremos abordar alguns dos principais modelos de pregação utilizados nas últimas décadas que surgiram a partir das Teorias da Nova Homilética. Analisaremos modelos de pregação que surgiram a partir do contexto dos Estados Unidos da América e da Europa, sobretudo, na Alemanha. Serão analisados os seguintes modelos: a Nova Homilética, o modelo narrativo, o modelo de uma ética da alteridade, a narratividade no contexto de pessoas sem igreja e a dramatização homilética. Cada modelo tem suas vantagens e desvantagens. Nesse sentido, a pregação ocorre na relação com a realidade e o contexto daquelas pessoas que ouvem ou necessitam ouvir a Palavra de Deus, portanto, cada modelo é único no sentido de oferecer respostas a um determinado contexto, por outro lado, cada modelo pode ser usado desde que respeitado o contexto no qual ele se insere.

PALAVRAS-CHAVE

Homilética. Pregação. Modelos. Nova Homilética. Evangelho.

¹ Possui graduação em Teologia (2012), mestrado (2015) e doutorado em Teologia pela Faculdades EST (2019), atuando principalmente nos seguintes temas: espaço vivencial e experiencial, espaço sagrado, lugar de culto, liturgia, homilética e culto cristão.

ABSTRACT

In this article we want to analyze some of the main models of preaching used in the last decades that emerged from the Theories of the New Homiletics. We will analyze models of preaching that have emerged from the context of the United States of America and Europe, especially in Germany. The following models will be analyzed: the New Homiletics, the narrative model, the model of an ethics of alterity, narrativity in the context of unchurched people and homiletic dramatization. Each model has its advantages and disadvantages. In this sense, preaching occurs in the relationship with the reality and context of those people who hear or need to hear the Word of God, therefore, each model is unique in the sense of offering answers to a given context, on the other hand, each model can be used since respecting the context in which it is inserted.

KEYWORDS

Homiletics. Preaching. Models. New Homiletics. Gospel.

Pregação é, por exemplo, um ato de discurso humano.²

1.1. Considerações iniciais

Com essa definição, o autor holandês, F. Gerrit Immink, postula que a pregação, no contexto dos Estados Unidos da América, pode ser compreendida como um ato discursivo que possui o ser humano como anunciador, ou seja, a pregação é uma ação discursiva do ser humano. Pregação que é, em suma, a utilização de palavras, signos, símbolos de uma forma coerente e compreensível para si e para a/o outra/o. O que nos leva a refletir também sobre a relação entre a enunciação da linguagem e a sua comunicação de forma adequada. Segundo Immink, a academia estadunidense de homilética desenvolveu e desenvolve pesquisas relacionando as áreas de homilética, teoria da linguagem, retórica e comunicação.

² “Preaching is, for example, an act of human discourse”. IMMINK, F. Gerrit. Homiletics: The current debate. *International Journal of Practical Theology*, v. 8, n. 1, p. 89-121, 2004. p. 90. (Tradução nossa).

Do lado europeu sobressaem pesquisas que, assim como no contexto estadunidense, apontam para uma direção empírica na pesquisa sobre a homilética no âmbito acadêmico. Pesquisas têm abandonado uma visão mais dogmática-querigmática para entenderem a homilética e a pregação e estão se utilizando de modelos que implicam a presença da/o ouvinte na prédica, o que Immink chama de virada em direção ao processo de entendimento (*Verständigungsbemühung*).³ Nesse tipo de “virada homilética”, a pessoa ouvinte é vista como participante ativa na pregação.

O australiano David Rietveld, em artigo intitulado *A Survey on the Phenomenological Research of Listening to Preaching*⁴, faz um longo resumo do atual estado da arte no campo da pesquisa homilética sobre as pessoas ouvintes no âmbito da pregação. Ele busca as raízes em trabalhos que começaram a ser publicados no ano de 1975 na Holanda, passando por pesquisas clássicas como a do alemão Daiber, *Predigen und Hören* (1980-83), até chegar a pesquisas mais recentes como a do holandês Pleizer, *Religious Involvement in Hearing Sermons* (2010) e das dinamarquesas Lorensen and Gaarden, *Listeners as Authors in Preaching* (2013).

Neste artigo queremos abordar alguns dos principais modelos de pregação utilizados nas últimas décadas. Abaixo serão analisados os seguintes modelos: a Nova Homilética, o modelo narrativo, o modelo de uma ética da alteridade e a dramatização homilética.

1.2. Panorama da pesquisa em homilética

Fornecer ao mundo acadêmico qualquer tipo de panorama sobre qualquer assunto é um risco que se assume. Umberto Eco afirma que a escolha por parte do/a estudante de tal tipo de pesquisa é normal.⁵ Ao assumir tal risco, também direcionamos o trabalho aqui proposto para um viés específico, como defende Umberto Eco. Não nos interessa fazer

³ IMMINK, 2004, p. 89.

⁴ RIETVELD, David. A Survey of the Phenomenological Research of Listening to Preaching. *Homiletic*, Nashville, v. 38, n. 2, p. 30-47, 2013.

⁵ ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 7ss.

um enorme panorama sobre a situação da pesquisa em homilética, no entanto, algumas abordagens sobre o tema são pertinentes à pesquisa.

Partimos da Nova Homilética, pois metodologicamente compreendemos que este movimento influenciou e tem influenciado inúmeros estudos homiléticos em todo o mundo, mesmo que tais pesquisadores e pesquisadoras não se identifiquem com essa linha de argumentação. No entanto, a liberdade que se deu à pregação a partir dos estudos influenciou o surgimento de novas formas de refletir a pregação, sejam eles explicitamente ligados ou não à Nova Homilética. Diversos movimentos ao redor do mundo e em diferentes igrejas procuraram atualizar e fomentar novas formas de pregação do Evangelho.

1.2.1. A Nova Homilética

Este talvez seja para o contexto brasileiro um dos locais mais emblemáticos para se iniciar a discussão sobre homilética. Por um lado, a enorme influência que os EUA tiveram na missão no Brasil a partir do século XIX. Mas também com sua vasta pesquisa no campo homilético atual que também tem influenciado enormemente vários contextos ao redor do mundo.⁶

A Nova Homilética promoveu uma virada na ciência homilética através da introdução da indutividade na pregação⁷, onde essa sofreu alterações no âmbito das igrejas, sobretudo no contexto estadunidense. Surgiram, a partir da década de 1970, impulsos que transformaram a forma de pregar e a pregação. O pastor luterano Mauro Batista de Souza apresenta ao contexto brasileiro essa forma de pregação. No artigo, ele parte primeiramente definindo a forma de pregação tradicional. Essa for-

⁶ SOUZA, Mauro Batista de. A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007. Veja também: SOUZA, Mauro Batista de. *Rhetorical resources for a homiletic of the oppressed: The new homiletics of Fred Craddock and Eugene Lowry and the liberation pedagogy of Paulo Freire*. Berkeley, 2004. Tese (Doutorado) – The Graduate Theological Union, Berkeley, 2004. LEWIS, Ralph L.; LEWIS, Gregg A. *Pregação indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

⁷ VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis: narrative Verkündigung eine Homiletik für das 21. Jahrhundert*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2009.

ma está centrada no/a pregador(a) e não na comunidade de ouvintes; ela utiliza um processo dedutivo, partindo da afirmação teológica central.⁸

A virada homilética foi a proposição de um método indutivo de pregação. Esse modelo não está centrado em quem prega, mas nas pessoas que ouvem, ou seja, na comunidade. Dá-se a elas a chance de tirarem suas próprias conclusões da prédica. Nesse modelo, “a mensagem vai sendo descoberta de forma coletiva, no desenrolar da prédica”.⁹ Trata-se de um desafio para quem é acostumado com a forma tradicional de pregação, pois, com o acento em quem ouve, a pregação passa a ter uma grande ênfase na performance do/a pregador(a).¹⁰ Resumidamente, a pregação indutiva é

[...] aquela que encoraja as pessoas ouvintes a pensar seus próprios pensamentos, sentir seus próprios sentimentos, tirar suas próprias conclusões e tomar suas próprias decisões de forma tal que elas serão as donas da mensagem. Pregação se torna uma atividade compartilhada entre a pessoa que prega e a comunidade que ouve.¹¹

A Nova Homilética contribuiu para a ciência homilética ao introduzir e reafirmar dois critérios, experiência e contexto. O foco que antes, na pregação e homilética clássica, encontrava-se no conteúdo e no fazer, algo que está estritamente ligado à pessoa que produz e enuncia a pregação, sofreu uma mudança de orientação e passou a concentrar-se sobre a forma e em quem ouve a pregação. Ou seja, uma mudança de paradigma que vai além do conhecimento adquirido e se propõe a refletir sobre novas formas de enunciação oral e se centra sobre as pessoas que ouvem, procurando compreender suas experiências e seus distintos contextos.

Tendo por base aquilo que se chama de pregação clássica ou tradicional, que possui como premissa o conteúdo e a pessoa que faz, se começa a pensar e a pôr em prática uma forma na qual as pessoas deveriam se empoderar do discurso realizado, o que não foi algo simples.

⁸ SOUZA, 2007, p. 11.

⁹ SOUZA, 2007, p. 13.

¹⁰ SOUZA, 2007, p. 14.

¹¹ SOUZA, 2007, p. 16.

Várias pesquisas surgiram e foram por caminhos diferentes, mas havia uma relação entre elas. O novo neste modelo de pregação era pôr em prática e articular a pregação e a prédica de tal modo que aquela pessoa que ouve a pregação pudesse se empoderar e articular suas próprias conclusões. Para tal, eram necessárias novas formas e metodologias para realizar a pregação, algo que a prédica clássica fazia a partir de um modelo europeu dedutivo, que se poderia afirmar tratar-se de um modelo acadêmico e científico baseado em proposições claras, objetivas e empíricas.¹²

O diferencial do modelo indutivo era dar espaço para as pessoas que ouvem articularem suas próprias conclusões. O principal método de realizar tal tarefa foi, em primeiro lugar, questionar a autoridade da pregação e de quem prega, ou seja, questionar o papel que ocupa a prédica e a pessoa pregadora. Importante ainda foi a redescoberta de novas formas de enunciar o conteúdo através da linguagem, que poderia ser através da oralidade e da narratividade. E, ainda, a compreensão do papel da língua falada, a linguagem cotidiana, bem como o estudo da Palavra de Deus em diferentes perspectivas. E não por último, se fez importante a relação da homilética como outras áreas como a filosofia, a sociologia da religião, a retórica, a antropologia e a teologia, reafirmando-se a necessidade de interdisciplinaridade no estudo da homilética.¹³ Assim, a pregação que antes se baseava fortemente no trabalho exegético realizado no escritório, trabalho que envolve a preparação da prédica, era posto como desafio para ser realizado durante a condução da pregação. Ou seja, o processo indutivo que acontecia na preparação poderia ser usado quando a prédica era proferida.¹⁴

Outra forma que a Nova Homilética encontrou para pregar foi a aplicação dos métodos direto e indireto ligados ao discurso. A importância do discurso indireto está ligada, sobretudo, à importância dada para a pessoa ouvinte, sendo que a pessoa ouvinte pode se ligar à prédica através de seus próprios sentimentos, pensamentos e convicções, além

¹² SOUZA, 2004, p. 41ss. Veja o capítulo sobre Fred Craddock no trabalho de Souza e o capítulo sobre homilética na terceira edição do livro: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.), et. al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

¹³ SOUZA, 2004, p. 47.

¹⁴ SOUZA, 2004, p. 49.

de permitir que ela tome suas próprias decisões sobre sua existência. As parábolas de Jesus são um ótimo exemplo de discurso indireto.¹⁵

Conforme registra Souza sobre o modelo indutivo, ele

[...] não procura, obrigatoriamente, provar um ponto ou uma afirmação teológica. Esse tipo de prédica vai juntando os diversos pedaços de narrativas particulares até que se chegue a uma mensagem coerente no final. [...] Pregação indutiva favorece e possibilita prédicas com final aberto. Do ponto de vista da lógica, prédicas indutivas são inconclusivas, isto é, permitem que a pessoa que ouve tire suas próprias conclusões e/ou aplicações concretas da mensagem para sua vida.¹⁶

1.2.2. Pregação narrativa

Segundo Sousa, a partir do método indutivo surgiu o modelo narrativo de pregação. Este teve como foco principal a construção de uma trama narrativa no qual contar uma história torna-se o centro da prédica. No entanto, não são somente “historinhas”, são contos que se entrelaçam e dão à pessoa pregadora a liberdade de utilizar-se de algo muito comum a cada pessoa: contar histórias. O motivo de o modelo narrativo usar histórias, dramas ou novelas está ligado, sobretudo, ao fato de cada pessoa passar a sua vida contando histórias. Ou como afirma Ganzevoort: “nossa identidade coletiva, história e tradição religiosa são estruturadas como histórias”.¹⁷ Forma e conteúdo são, portanto, peças fundamentais para se entender o modo como é construída a trama narrativa. Elas são utilizadas de modo que uma realidade ou um conhecimento possam ser apreendidos.¹⁸

O uso da forma narrativa na pregação, bem como na teologia prática como um todo, ocorre porque “de uma forma ou de outra, histórias humanas estão conectadas com histórias de e sobre Deus. Liturgia e rituais

¹⁵ SOUZA, 2004, p. 51.

¹⁶ SOUZA, 2007, p. 13-14.

¹⁷ “Our collective identity, history, and religious tradition are likewise structured as stories”. GANZEVOORT, R. Ruard. Narrative approaches. In: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Practical Theology*. Malden, Oxford, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012. p. 216. (Tradução nossa).

¹⁸ GANZEVOORT, 2012, p. 218.

incorporam e re-encenam narrativas da tradição espiritual, permitindo a quem congrega se unirem nelas com sua própria história de vida.”¹⁹ Ao se utilizar da trama narrativa na construção de prédicas, uma observação deve ser feita: pretende-se, na narrativa, expor ideias ou experiências? Uma diferenciação que Sousa e Ganzevoort fazem nesse sentido é deixar claro que a utilização da narratividade na prédica tem como característica principal a transmissão de uma experiência e não de uma ideia.²⁰ Ideia é compreendida como sendo algo imperativo, que necessita ser defendido, como no caso de um conteúdo dogmático, por exemplo.

Ganzevoort desenvolve a complexidade desses conceitos argumentando que a diferenciação entre ideia e experiência na narratividade é necessária, pois de um lado há a ideia como algo paradigmático, assertivo e que procura convencer pela exposição de um conceito através da verdade; e, por outro, o modelo narrativo tende a procurar nas experiências cotidianas das pessoas um modo de narrar, contar a história através da verossimilhança. Assim, ao se utilizar uma ideia transcende-se “o local e o particular ao identificar os absolutos ou gerais”,²¹ enquanto que a partir da experiência a narrativa tende a concentrar-se na contextualidade do tempo e espaço e focar-se no particular.²²

Compreender que a prédica deve ser contextualizada foi importante tanto para a Nova Homilética, quanto para modelo narrativo. Ao desprender-se do modelo clássico de pregação que se baseava em ideias claras, formuladas quase ao estilo de dogmas teológicos, a pregação saiu de um nível espacial para entrar num nível temporal. Isso significou uma ruptura e o surgimento de diferentes modelos de pregação. Os questionamentos levantados a partir da academia tiveram profundo impacto na práxis da prédica, pois eles foram levantados desde a práxis.

¹⁹ “In one way or another human stories are connected with stories of and about God. Liturgy and rituals embody and re-enact narratives from the spiritual tradition, allowing contemporary congregants to join in with their own life stories.” GANZEVOORT, 2012, p. 214. (Tradução nossa).

²⁰ SOUSA, 2007, p. 21s.

²¹ “The first (argument) transcends the local and particular by identifying the absolutes or the general [...]”. GANZEVOORT, 2012, p. 215. (Tradução nossa).

²² GANZEVOORT, 2012, p. 215.

O principal uso da narratividade foi através da teoria da Nova Homilética.

No campo da homilética, o foco na narrativa foi tornado explícito pela assim chamada 'nova homilética.' Afastando-se da pregação proposicional, escritores nesta corrente veem a pregação como um evento transformativo, usando linguagem performativa e metáforas. Nem toda prédica irá usar história, mas o processo narrativo serve como uma estrutura de sustentação.²³

Segundo Ganzevoort,

As principais introduções homiléticas, de David Buttrick e outros, mostram uma preferência por abordagens narrativas, um desafio assumido por contribuições explicitamente narrativas e práticas sobre homiléticas narrativas como por Eugene Lowry (2001) e muitos outros. Dentro deste movimento, existem obviamente grandes diferenças. John Wright (2007) permanece próximo do foco da escola de Yale na construção de comunidades através da narrativa, enquanto Cas Vos (2005) e outros usam a noção de Umberto Eco de 'obra de arte aberta' para descrever o sermão: Não há significado fixo, mas sim um espaço narrativo metafórico em que o ouvinte conecta o que é oferecido no sermão com sua história de vida para encontrar pontos de significado.²⁴

²³ "In the field of homiletics, the focus on narrative has been made explicit in the so-called 'new homiletics.' Breaking away from propositional preaching, writers in this current see preaching as a transformative event, using performative language and metaphors. Not every sermon will use stories, but the narrative process serves as the undergirding structure." GANZEVOORT, 2012, p. 218-219

²⁴ "Mainstream homiletic introductions by David Buttrick and others show a preference for narrative approaches, a challenge taken up by explicitly narrative and practical contributions on narrative homiletics like Eugene Lowry (2001) and many others. Within this movement, there are obviously major differences. John Wright (2007) stays close to the Yale School's focus on community building through narrative, whereas Cas Vos (2005) and others used Umberto Eco's notion of the 'open work of art' to describe the sermon: There is no fixed meaning but instead a narrative metaphorical space in which the hearer connects what is offered in the sermon with her or his life story to find points of meaning." GANZEVOORT, 2012, p. 218-219. (Tradução nossa).

Como afirmado, a utilização de modelos narrativos não significou a uniformização do método. Ao contrário vários foram os desenvolvimentos. Sobre o uso e os diferentes modelos tem-se o seguinte quadro:

As ideias centrais nestas diferentes contribuições dependem da questão de como as histórias humanas e a história de/sobre Deus interagem. Nós podemos observar três posições que são normalmente usadas estrategicamente, algumas vezes utilizadas como teologicamente normativas (Ganzevoort 2010). Em primeiro lugar, as histórias de Deus, como encontradas na Bíblia, expressam as histórias humanas. Elas dão palavra ao que sabemos ou sentimos, deste modo validando nossa experiência. Isto acontece, por exemplo, quando nós lemos um salmo de lamentação com pessoas que estão sofrendo. Através deste modo expressivo, nossas histórias humanas são levantadas *coram Deo*. Em segundo lugar, as histórias de Deus confrontam nossas histórias e criticam nossa vida. Este estilo profético nos desafia a reconsiderar nossas histórias, oferecendo orientação, advertência ou conforto. Em terceiro lugar, as histórias de Deus oferecem um espaço aberto onde nós podemos trazer e refletir sobre a nossa própria história, sem ser empurrado em uma ou outra direção. Esta aproximação evocativa constrói-se sobre a ideia da narrativa como uma obra de arte aberta. O sermão (por exemplo) não deve transmitir nenhuma mensagem específica, mas criar o espaço onde as e os ouvintes podem encontrar sua própria mensagem.²⁵

²⁵ “The central ideas in these different contributions hinge on the question of how human stories and the story of/about God interact. We can observe three positions that are sometimes used strategically, sometimes taken as theologically normative (Ganzevoort 2010). In the first position, the stories of God as found in the Bible express the human stories. They give words to what we know or feel, thus validating our experience. This happens for example when we read a psalm of lament with people who are suffering. Through this expressive mode, our human stories are lifted up *coram Deo*. In the second position, the stories of God confront our stories and critique our life. This prophetic style challenges us to reconsider our stories, offering guidance, warning, or comfort. In the third position, the stories of God offer an open space where we can bring and reflect on our own stories, without being pushed in one direction or the other. This evocational approach builds on the idea of narrative as an open work of art. The sermon (for example) should not convey one specific message, but create the space where listeners can find their own message.” GANZEVOORT, 2012, p. 219. (Tradução nossa).

Narrar algo, portanto, tem relação com uma forma de entender o mundo. No livro *Para ler as narrativas bíblicas*, Daniel Marguerat e Yvan Bourquin fazem uma diferenciação entre os três principais métodos de leitura bíblica que também influenciaram a forma como são construídas e enunciadas as prédicas nas diferentes comunidades cristãs, sobretudo nas igrejas tradicionais. Segundo eles, há três formas principais de leitura e interpretação bíblica: o método histórico-crítico, a análise semiótica e o modelo narrativo. A diferença principal entre cada um desses modelos está na forma como são compreendidos e assimilados os conteúdos do texto bíblico, como eles são lidos e interpretados e como são comunicados/enunciados.

Utilizando-se da tríade “autor-mensagem-leitor/ouvinte”, pode-se afirmar que o método histórico-crítico se centra, sobretudo, sobre o primeiro, ou seja, o autor. “A leitura histórico-crítica se orienta em direção do polo do *autor*, procurando saber quais tradições coletou e como as transmitiu e interpretou”.²⁶ Já a leitura semiótica “se dirige ao *texto* e examina com atenção seus códigos de comunicação; é a mensagem que interessa”.²⁷ E no modelo narrativo, a análise está orientada de forma mais profunda não em direção ao autor ou à mensagem, “mas em direção ao *leitor*, considera o efeito do relato sobre o leitor ou a leitora, e o modo em que o texto os faz cooperar na decodificação do sentido”.²⁸

Como os autores mesmo comentam, tal divisão pode ser considerada artificial e não se pode “endurecer a tipologia”.²⁹ Pode ocorrer que o método de um ou de outro modelo influencie na formação e realização de outro modelo. Com isso, se quer afirmar que mesmo que a preocupação do método histórico-crítico esteja relacionada à autoria, ao lugar e à história por detrás do texto, isso não implica necessariamente

²⁶ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Cómo leer los relatos bíblicos: iniciación al análisis narrativo*. Santander: Sal Terrae, 2000. p. 17. (Grifo do autor).

²⁷ “[...] se dirige al *texto* y examina con detenimiento sus códigos de comunicación; es el mensaje lo que le interesa”. MARGUERAT; BOURQUIN, 2000, p. 17. (Tradução nossa). (Grifo do autor).

²⁸ “[...] sino hacia el *lector*; considera el efecto del relato sobre el lector o la lectora, y el modo en que el texto les hace cooperar en el desciframiento del sentido”. MARGUERAT; BOURQUIN, 2000, p. 17. (Tradução nossa). (Grifo do autor).

²⁹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 18.

que tais elementos não sejam importantes para o método semiótico ou narrativo.

Assim, cada tipo de leitura bíblica possui os seus próprios pressupostos básicos que influenciam na pregação de inúmeras formas. E de nenhum modo pode-se confundir os métodos empregados. É preciso estudá-los para que sua aplicação se realize da melhor forma possível. Sobre a diferenciação dos três métodos de interpretação bíblica, Marguerat e Bourquin afirmam que:

Não se deve, contudo, disfarçar a distância que separa a análise histórico-crítica das outras. Esta propõe uma interpretação centrada na história (a do texto e a narrada no texto); a semiótica e a análise narrativa têm em comum o fato de desenvolver uma interpretação focalizada no texto. Insistimos, ao contrário da leitura histórico-crítica, a análise narrativa e a análise semiótica se recusam a apoiar seus trâmites numa reconstrução do ambiente social e cultural do texto (quando e onde foi escrito). Mas, diferentemente da semiótica, a análise narrativa encara o texto como um processo de comunicação entre autor e leitor; a semiótica, por seu lado, corta a ligação entre o autor e seu texto e recusa-se a falar de uma intenção do autor quanto ao sentido.³⁰

O modelo narrativo pode ser usado seguindo-se um modelo básico, sendo que cada um pode variar. O exemplo de Ganzevoort utiliza quatro passos principais, alguns ligados diretamente à enunciação e outros ligados à audiência, a quem o enunciado está direcionado. O modelo utiliza os conceitos de “estrutura, perspectiva, tom e atribuição de papel.”³¹ Utiliza, ainda, o conceito de posição relacional e justificação para uma audiência.³²

O primeiro conceito – *estrutura* – possui relação com a forma sequencial de contar uma determinada história. Nela, o/a autor/a da narração ou narrador/a da história escolhe um tempo – passado, presente

³⁰ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 18.

³¹ “[...] structure, perspective, tone, and role assignment.” GANZEVOORT, 2012, p. 220. (Tradução nossa).

³² GANZEVOORT, 2012, p. 221.

ou futuro – para contá-la. Essa sequência temporal será o molde da narração, onde se cria um tempo próprio para o conteúdo da narrativa. O tempo passado pode significar uma retrospectão, o futuro uma antecipação e ambos ajudam a interpretar o presente. Dessa forma, “através de conexões causais, temporais ou temáticas a linha da história emerge”³³, num processo que também é chamado de enredamento (*emplotment*).³⁴

O segundo conceito – *perspectiva* – está ligado à posição desde a qual se contará a história. A escolha dos elementos ou personagens que formam a narrativa é tão importante quanto a perspectiva anterior, pois aqui a narração pode criticar ou aceitar narrativas novas ou convencionais, incluindo ou não elementos críticos desde a perspectiva que a narrativa se propõe a abordar, ou seja, se abordará uma história desde a seleção e a interpretação de eventos, sejam eles específicos ou não. As diferentes perspectivas são importantes para criar uma narrativa que seja contextualizada desde as diversas perspectivas, sejam elas de gênero, etnia, raça, classe social, poder, etc., incluindo diferentes pontos de vista no evento narrativo.³⁵

O terceiro conceito – *tom ou tonalidade* – tem relação com o gênero narrativo escolhido para contar a narrativa: comédia, romance, tragédia, ironia, etc. Cada um acrescenta uma tonalidade diferente na construção do enredo narrativo, trazendo maior ou menor impacto afetivo à narrativa. Com o tom que se dá à narrativa é possível estimular, através da afetividade, um envolvimento de esperança e compromisso da audiência com a narrativa.³⁶

O quarto conceito – *atribuição de papel* – é a forma como a narrativa atribuirá a cada personagem um papel específico para desenvolver-se (quem serão os protagonistas, o herói ou a heroína, as vítimas, os vilões, os mocinhos, etc). Cada personagem desempenha um papel e características específicas na configuração da história, que podem ser desenvolvidas ao longo da narrativa e que podem servir para criar uma “intriga” na

³³ “Through causal, temporal, or thematic connections, story lines emerge.” GANZEVOORT, 2012, p. 220. (Tradução nossa).

³⁴ GANZEVOORT, 2012, p. 220.

³⁵ GANZEVOORT, 2012, p. 220-221.

³⁶ GANZEVOORT, 2012, p. 221.

narrativa, na qual os diferentes papéis, mesmo que antagônicos, desempenham uma complementaridade entre eles.³⁷

Ao lado desses quatro conceitos, Ganzevoort ainda inclui outros dois que possuem relação mais próxima com a finalização que o/a autor/a dará à narrativa em sua direcionalidade à audiência, ou seja, leitores/as ou ouvintes. A *posição relacional* é “o processo através do qual a/o narrador/a usa sua história para estabelecer, manter, formar e finalizar relações.”³⁸ Pois, “a abordagem narrativa da interação social ou religiosa vê as ações e histórias como performativas ao invés de representativas. A questão central é o que a pessoa narradora quer alcançar na relação ao contar a história.”³⁹

O outro conceito empregado é *justificação frente a um público* ou “como o autor/a considera sua vida frente a outras pessoas significativas.”⁴⁰ Dois são os critérios importantes: legitimidade e plausibilidade. Ambos estão em relação à audiência e podem variar de acordo com o contexto, isto é, cada audiência possui suas particularidades e é preciso conhecê-las para que a narrativa tenha sentido. Segundo Ganzevoort, a partir da audiência pode-se determinar um número de histórias necessárias e sua consistência para haver algum tipo de justificação consistente e plausível para o emprego delas.⁴¹ Por vezes, tais narrativas são construídas e finalizadas com pensamentos que fazem referência a textos normativos ou canônicos, como modo de dar autoridade ao que é dito frente a uma determinada audiência.⁴²

Os conceitos apresentados acima são apenas algumas dimensões através das quais a narratividade pode ser empregada, seja no âmbito da

³⁷ GANZEVOORT, 2012, p. 221.

³⁸ “[...] the processes through which the narrator uses his or her story to establish, maintain, shape, and conclude relationships.” GANZEVOORT, 2012, p. 221. (Tradução nossa).

³⁹ “[...] the processes through which the narrator uses his or her story to establish, maintain, shape, and conclude relationships. A narrative approach to social and religious interaction sees actions and stories as performative rather than representative. The central question is what the narrator wants to accomplish in the relation by telling the story.” GANZEVOORT, 2012, p. 221. (Tradução nossa).

⁴⁰ “[...] how the author accounts for his or her life in front of significant others.” GANZEVOORT, 2012, p. 221. (Tradução nossa).

⁴¹ GANZEVOORT, 2012, p. 221.

⁴² GANZEVOORT, 2012, p. 221.

homilética, da educação, da poimênica, da liturgia, etc. Eles não se fecham em si mesmo, nem são passos estritos, como numa receita culinária. Outros autores e autoras apresentam elementos que podem ser utilizados, como no caso da pesquisa de Marguerat e Bourquin, que emprega o modelo narrativo no âmbito dos estudos bíblicos.⁴³ Desta forma, nos recorda Ganzevoort que:

As seis dimensões do processo narrativo não são elementos atomizáveis, mas são mutualmente dependentes e inclusivos. Cada estrutura particular, perspectiva ou audiência implicam específicas configurações em outras dimensões. As dimensões são úteis ao oferecerem um número de caminhos para se observar e analisar o processo narrativo.⁴⁴

1.2.3. Pregando alteridade: um ética pós-moderna do outro na pregação

Chegamos ao ponto em que a reflexão sobre quem é o outro e a outra pessoa também adentraram ao campo homilético. John S. McClure desenvolveu diferentes modelos de pregação, com diversas ferramentas que podem ser adaptadas à homilética e à pregação. Utilizando-se das teorias de desconstrução de Derrida, da alteridade de Levinas e da razão comunicativa de Habermas, McClure desenvolveu o conceito de “*other-wise preaching*”,⁴⁵ algo como “pregando de outra-maneira” ou que ainda pode vir a ser traduzido como “pregação orientada a conhecer o outro”.

Homilética *other-wise* é homilética que é, em cada aspecto, inspirada no outro e direcionada ao outro. Ela é homilética que se empenha a se tornar sábia sobre outros seres humanos – para ganhar sabedoria de e sobre outros para pregar. Ao mesmo tempo, ela é homilética que,

⁴³ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 43ss.

⁴⁴ These six dimensions of the narrative process are not atomizable elements, but are mutually dependent and inclusive. Each particular structure, perspective, or audience implies specific configurations in other dimensions. The dimensions are useful in offering a number of ways to observe and analyze the narrative process. GANZEVOORT, 2012, p. 221. (Tradução nossa).

⁴⁵ MCCLURE, John S. *Other-wise preaching: a postmodern ethic for homiletics*. St. Louis: Chalice Press, 2001. p. 4ss.

por causa de sua orientação em direção à pessoa desconhecida, torna-se patentemente *other-wise* que a própria homilética, isto é, procura colocar o todo da homilética sob rasura desconstrutiva para que a pregação possa ser transformada por uma profunda consciência da proximidade dos ‘outros’ na pregação.⁴⁶

A desconstrução proposta pelo autor inicia com um problema linguístico. Visto que a pregação já não comunica, é necessário que a linguagem reocupe o seu espaço novamente no debate, ou seja, reocupe sua própria área, ou, como ele mesmo afirma, a sua relação com Deus e com o mundo.⁴⁷ É nesse sentido que McClure se utiliza da teoria da razão comunicativa de Habermas. De acordo com ele, a razão comunicativa propõe diferentes formas de compreender o *logos* homilético na prédica. São elas:

(1) abordagens críticas, conversacionais e colaborativas baseadas na práxis epistemológica como a teoria crítica, feminista, da teologia política e da teologia pública; (2) opções linguístico-culturais baseadas na semiótica, antropologia cultural e na epistemologia conservadora pós-moderna anglo-americana; e (3) abordagens testemunhais baseadas na teologia feminista e da libertação, teorias pós-estruturalistas da subjetividade e na filosofia inter-humana de Emmanuel Lévinas.⁴⁸

⁴⁶ “Other-wise homiletics is homiletic that is, in every aspect, other-inspired and other-directed. It is homiletics that strives to become wise about other human beings-to gain wisdom about and from other for preaching. At the same time, it is homiletics that, because of its orientation toward the stranger, becomes patently other-wise than homiletics itself, that is, it seeks to place the total of homiletics under deconstructive erasure so that preaching might be transformed by a profound awareness of the proximity of preaching’s ‘others.’” MCCLURE, 2001, p. xi. (Grifo nosso). (Tradução nossa).

⁴⁷ MCCLURE, 2001, p. 5.

⁴⁸ “[...] (1) critical, conversational and collaborative approaches grounded in praxis epistemologies such as critical theory, feminism, political theology, and public theology, (2) cultural-linguistic options grounded in semiotics, cultural anthropology, and conservative Anglo-American postmodern epistemology, and (3) testimonial approaches grounded in feminist and liberation theologies, poststructuralist theories of subjectivity, and Emmanuel Levina’s philosophy of the interhuman.” MCCLURE, 2001, p. 97-98. (Tradução nossa).

McClure procura aproximar a razão comunicativa da homilética através da práxis epistemológica. Ao aproximar as duas, o que ele propõe é criar uma ação comunicativa ou comunicação interativa.⁴⁹ Para ele, é necessária uma “*virada ética* em direção ao relacionamento com o outro e em responsabilidade com o outro e uma *virada linguística* em direção aos signos nos quais a intersubjetividade é fundada.”⁵⁰

Como a linguagem ganha destaque nesse modelo, um primeiro momento fundamental para McClure é definir a base a partir da qual ocorre a pregação. Nesse sentido, ele chama essa abordagem de “não-fundacionalista”, pois não se procura a verdade revelada através de um método ou ciência, mas procura-se na linguagem a verdade que advém do uso, ou seja, pela forma como a linguagem constitui realidade.⁵¹ Dessa forma, usando teorias críticas de outras áreas no âmbito da homilética, o autor chegou ao seguinte uso da ética no âmbito da pregação, baseando sua afirmação na alteridade levinasiana:

O acento é sobre a forma ética, fortalecedora e inclusiva da razão comunicativa na pregação. Pregadores e pregadoras devem ouvir e capacitar outros humanos, convidando vozes, até então marginalizadas, para sentar à mesa da exegese do sermão e interpretação num lugar privilegiado para garantir que a verdade é articulada com o mais abrangente consenso possível.⁵²

Incorporar à prédica as diversas vozes cristãs que se reúnem ao redor da e na pregação cristã é um desafio que perpassa a articulação da pregação, de modo que ela seja um produto linguístico e comunicativo. Por isso, para definir o que seria a *verdade* deveríamos questionar o maior número de pessoas e contextos para definir o potencial ou atual

⁴⁹ MCCLURE, 2001, p. 98.

⁵⁰ “[...] *ethical turn* toward relationship with, and responsibility to, the other and a *linguistic turn* toward the signs on which intersubjectivity is founded.” MCCLURE, 2001, p. 98-99. (Grifo do autor). (Tradução nossa).

⁵¹ MCCLURE, 2001, p. 100.

⁵² “The accent is on the ethical, empowering, and inclusive form of communicative reason in preaching. Preachers must hear from and empower human others, inviting heretofore marginalized voices to sit at the table of sermon exegesis and interpretation in a privileged place in order to ensure that the truth is articulated within the largest consensus possible.” MCCLURE, 2001, p. 101. (Tradução nossa).

uso de dada *verdade* e acrescentar a ela uma crítica.⁵³ A homilética proposta pelo autor se torna uma *homilética crítica*, pois ela assume a ideia habermasiana de “mundo da vida” (*lifeworld*).⁵⁴ O centro deste conceito é que cada ser humano participa do mundo da vida, uma área pública onde ocorre a comunicação ordinária e cotidiana, dentro de um mundo discursivo no qual se negociam e se compartilham valores e significados comuns.⁵⁵ Ou seja, essa comunicação é formada por diferentes meios de comunicação, mas sobretudo através da comunicação pessoa a pessoa, na qual podem ser tomadas decisões deliberativas, como ocorrem em associações, sindicatos e igrejas, bem como a comunicação enquanto troca de informação, isto é, a conversa do dia-a-dia.⁵⁶

Como não é possível viver isolado no mundo da vida, os discursos e as falas, ou seja, a linguagem de diferentes grupos sociais encontra-se em constante contato. Dessa forma, “nós temos que construir fortes solidariedades *entre* os vários grupos que compõem o mundo da vida, a fim de fortalecê-los em face às esmagadoras contrariedades.”⁵⁷ Para o contexto da homilética, a comunicação prática emerge a partir de uma “conversa ilimitada” (*unlimited conversation*).⁵⁸ Nessa conversa ilimitada, todas as pessoas podem tomar parte no discurso, têm direito à voz e à fala. Assim,

No caso dos modelos homiléticos, é especialmente significativo incluir aquelas pessoas cuja voz tende a ser marginalizada na sociedade atual, afim de que as decisões do pregador ou da pregadora sobre o significado do Evangelho possa ser informado por todos e todas.⁵⁹

⁵³ MCCLURE, 2001, p. 102.

⁵⁴ MCCLURE, 2001, p. 103.

⁵⁵ MCCLURE, 2001, p. 103.

⁵⁶ MCCLURE, 2001, p. 103.

⁵⁷ “[...] we have to build up strong solidarities *across* the various groups that make up the lifeworld in order to strengthen it in the face of overwhelming odds.” MCCLURE, 2001, p. 105. (Tradução nossa). (Grifo do autor).

⁵⁸ MCCLURE, 2001, p. 104.

⁵⁹ “In the case of homiletical models, it is especially significant to include those persons whose voice tend to be marginalized in today’s society in order that the preacher’s decisions about the meaning of the gospel can be informed by all.” MCCLURE, 2001, p. 105. (Tradução nossa).

A principal ideia deste modelo homilético é criar solidariedade, colaboração ou afinidade entre e através dos diferentes grupos. Como McClure afirma:

Na homilética crítica, pregar é um evento público, ético, anamnético e escatológico projetado para criar importantes formas de solidariedade, colaboração ou afinidade entre e através dos grupos dentro do mundo da vida que possam se tornar núcleos de resistência e esperança no mundo.⁶⁰

Uma forma concreta que a homilética crítica de McClure apresenta como práxis para a comunicação do *logos* na pregação é o uso do testemunho. Essa forma se relaciona com a pregação ética, colaborativa e solidária, pois para ele “o testemunho proclamador é uma crítica (*deconstrução*) extrema e ética dentro da própria razão crítica.”⁶¹ Assim, apoiando-se na filosofia, com a teoria da desconstrução, da alteridade e da comunicação, o autor assenta um novo patamar no desenvolvimento da homilética. Alguns novos passos foram dados a partir do arcabouço teórico de McClure, pois a homilética no século XXI abandonou há algum tempo a razão iluminista que impregnou e impregna boa parte da pregação cristã ocidental. O desafio é criar uma nova gramática da fé que seja transmitida através de proposições hipotético-indutivas em contextos e comunidades cristãs específicas, onde o testemunho se torna um sinal ético-anárquico e onde as proposições são testadas dentro dos grupos e no mundo da vida.⁶²

1.2.4. A dramatização homilética

Outra forma de entender a pregação é através da dramatização, um modelo desenvolvido pelo teólogo alemão Martin Nicol. No texto utilizado

⁶⁰ “In critical homiletics, preaching is a public, ethical, anamnestic, and eschatological event designed to create significant forms of solidarity, collaboration, or affinity between and across groups within the lifeworld that can become pockets of resistance and hope in the world.” MCCLURE, 2001, p. 108. (Tradução nossa).

⁶¹ “[...] *proclamatory witness is an extreme, ethical critique (deconstruction) within critical reason itself.*” MCCLURE, 2001, p. 127. (Grifo do autor). (Tradução nossa).

⁶² MCCLURE, 2001, p. 131.

aqui houve a colaboração do teólogo Alexander Deeg. Este modelo possui ligação com o modelo prévio que discutíamos – a pregação através da encenação. Para Nicol, este modelo não é somente uma forma de refletir e pôr em prática forma e conteúdo ou homilética e hermenêutica, ou ainda a performance da prédica e a performance da leitura bíblica, mas trata-se de uma relação intensa entre os vários componentes que se encontram ligados à pregação. Assim, é importante ter um bom roteiro e um bom discurso, comunicar a prédica através de ferramentas adequadas e saber avaliar a capacidade da pessoa ouvinte, ter um balanço entre produção e recepção.⁶³

Ao refletir sobre a prédica como arte, como foi definido acima, o autor se deu a liberdade de, como ele mesmo afirma, frequentar cinemas, ouvir música, ler romances, ir ao teatro, e a partir de todas essas vivências culturais exteriores à igreja, trazer à prédica elementos que possam ser usados nela. Por isso:

Particularmente estimulante para uma prédica como arte sob as artes, aparecem-nos aquelas artes que moldam processos que se movem temporariamente: dança, música, teatro, cinema. Na língua inglesa são chamados de *Performing Arts*. Eles chegam perto de pregar: um ator interpreta seu papel no cinema ou teatro, um diretor encena um roteiro ou peça, um músico interpreta uma partitura ou improvisa sobre um tema, um dançarino encontra movimento em tons – e um pregador encena palavras, imagens e histórias da Bíblia. Assim, a pregação se torna arte sob as artes – e ainda permanece uma arte de origem e caráter próprios: a arte da pregação.⁶⁴

⁶³ NICOL, Martin; DEEG, Alexander. *Im Wechselschritt zur Kanzel: praxisbuch dramaturgische Homiletik*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013. p. 13.

⁶⁴ “Besonders anregend für eine Predigt als Kunst unter Künsten er scheinen uns jene Künste, die zeitlich bewegte Abläufe gestalten: Tanz, Musik, Theater, Film. Im englischsprachigen Bereich nennt man sie *Performing Arts*. Sie kommen der Predigt nahe: Ein Schauspieler gestaltet seine Rolle im Film oder Theater, ein Regisseur inszeniert ein Drehbuch oder Stück, eine Musikerin interpretiert eine Partitur oder improvisiert über ein Thema, ein Tänzer findet Bewegung zu Tönen – und eine Predigerin inszeniert Worte, Bilder und Geschichten der Bibel. So wird Predigt Kunst unter Künsten – und bleibt doch eine Kunst ganz eigener Herkunft und Prägung: PredigtKunst.” NICOL; DEEG, 2013, p. 14. (Grifo nosso). (Tradução nossa).

Nesse contexto, a pregação como arte⁶⁵ adquire um sentido mais amplo do que somente a comunicação de palavras. A prédica é um todo no qual um texto é entrelaçado por vários textos. Como exemplo, os autores sugerem que na prédica podem ser encontrados diferentes tipos de textos bíblicos, alguns são poemas, notícias, cartas de amor, orações e pequenas falas. A isto ainda pode ser adicionado outras diferentes tipologias de textos que se encontram no cânon bíblico. Também a voz das pessoas se entrelaça à prédica, ou seja, as pessoas trazem a sua vida ao culto, e suas vidas são como textos. Por isso, a prédica é fala de texto sobre textos, isto é, uma pregação intertextual.⁶⁶

Utilizando o conceito de discurso na (*RedeIn*) e discurso sobre (*RedeÜber*), postula-se uma forma de pregação que aproxime a linguagem às pessoas. Essa forma se aproxima ao âmbito da análise do discurso, no que se chama de discurso direto e indireto. Nesse sentido, os autores afastam-se um pouco do discurso academicista que, segundo eles, é mais próximo daquelas pessoas que pregam e que estudam sobre a homilética.⁶⁷ É importante que a voz que prega se conecte com a audiência através de formas indiretas do discurso, ou seja, através do *discurso na*, mesmo que o discurso *sobre* esteja também presente, pois é impossível não se utilizar dele. Assim, os autores sugerem que o *discurso no*, indireto, seria um discurso que está “nas tensões da palavra bíblica, na celebração da igreja, no movimento da fé e da dúvida. No *discurso no*, vemos o núcleo de uma homilética renovada.”⁶⁸

Para renovar a arte da prédica é preciso se embrenhar e refletir sobre a estrutura que se utilizará na pregação. Refletir sobre como a prédica é incluída no todo discursivo que se produz através da liturgia do culto, bem como criar espaço para que a pregação também possua o seu próprio momento dentro do roteiro que se criou da ação litúrgica-ritual

⁶⁵ NICOL, Martin. PredigtKunst: Ästhetische Überlegungen zur homiletischen Praxis. *Praktische Theologie*, Gütersloh, v. 35, n. 1, p. 19-24, 2000.

⁶⁶ NICOL; DEEG, 2013, p. 15.

⁶⁷ NICOL; DEEG, 2013, p. 15-16.

⁶⁸ “[...] eine Predigtrede *in* den Spannungen des biblischen Wortes, *in* der Feier der Gemeinde, *in* der Bewegung des Glaubens und Zweifelns. Im RedenIn sehen wir den Kern einer erneuerten Homiletik.” NICOL; DEEG, 2013, p. 14. (Grifo do autor). (Tradução nossa).

do culto e também criar um roteiro para a própria comunicação-discursiva que é a prédica. Nesse caso, utiliza-se o conceito de movimento e estrutura apresentado pelo homiléta estadunidense David Buttrick, que em seu livro *Homiletic: moves and structures*⁶⁹ já apresentava os referidos conceitos. Refletindo a partir do cinema, propõe-se que a prédica necessita de movimento e estrutura. Isto é dado a partir da forma como se compõe o todo da prédica. Como os filmes são compostos de roteiro e cena, ainda que muitas cenas, por vezes, sejam independentes uma das outras, também são mutuamente interdependentes para o conjunto do filme, assim também a prédica deve alcançar tal grau de sofisticação e reflexão. Por isso,

Algo similar, acreditamos, também pode ser realizado na prédica: como trabalho dramático refletido na interação de movimentos & estrutura, de partes & do todo. É importante considerar como o discurso pode começar e terminar, como um arco de suspense surge e como os movimentos individuais estão conectados.⁷⁰

Ao tratar dos movimentos e das estruturas que a pregação deve adotar, um ponto que chama a atenção dos autores é intitular e se apropriar de diferentes meios para comunicar a prédica. A este ponto os autores nomearam de título e meio (*Titel und Mittel*).⁷¹ A discussão que se faz em torno do título é saber nomear adequadamente a pregação, ou seja, pôr um título a ela. Segundo eles, se não é possível dar um título à prédica, deve-se revê-la. O motivo seria que há conteúdo demais na prédica e que ela poderia facilmente se tornar duas ou três prédicas. O título também subsidia a forma que a prédica irá tomar. Refletindo sobre os conceitos acima, de movimento e estrutura, a prédica deve ser concebida em seu conjunto, desde a escolha de formas até o que se quer comunicar.

⁶⁹ BUTTRICK, David. *Homiletic: moves and structures*. Philadelphia: Fortress, 1988.

⁷⁰ “So ähnlich, meinen wir, kann auch eine Predigt gemacht werden: als reflektierte dramaturgische Arbeit im Wechselschritt von Moves & Structure, von Teilen & Ganzem. Es gilt zu überlegen, wie die Rede anfangen und aufhören kann, wie ein Spannungsbogen entsteht und wie die einzelnen Moves miteinander verbunden werden.” NICOL; DEEG, 2013, p. 16. (Tradução nossa).

⁷¹ NICOL; DEEG, 2013, p. 16

Por isso, surgem questionamentos que devem se refletidos no fazer a prédica, como:

Qual movimento está se desenvolvendo do começo ao fim? Isso é teologicamente apropriado? Isso brota da palavra da Bíblia? Os e as ouvintes têm a chance de se encontrar nesse movimento? Imediatamente, o título da Estrutura também questiona o meio: como os movimentos devem seguir um ao outro? Linear ou circular? Existe um tema recorrente? Como os movimentos individuais estão ligados com os demais?⁷²

O foco deste modelo de pregação é a dramatização e ela tem como fundamento alguns recursos existentes no teatro, no cinema e na literatura. Uma forma fundamental que este modelo assume em seus movimentos, estruturas e formas de comunicar a prédica é utilizando o recurso do suspense ou tensão, como define o linguista austríaco Alwin Fill.⁷³ Pois, “a prédica, que deixa definitivamente de lado as tensões, está na expectativa de que o próprio Deus encenará o ato final.”⁷⁴

O princípio principal deste modelo homilético é o *fazer a pregação (Predigtmachen)*. Por isso, uma preocupação é que o texto tome corpo, palavra, gesto e imagem na prédica. Para tal, o autor sugere que se procure na Bíblia imagens, metáforas, e recursos que possam ajudar na pregação, pois não é sobre a cultura, modelos éticos e morais que se prega na igreja, mas sobre a verdade do Evangelho, através de imagens, textos e histórias que ajudam a contar e recontar o mistério da Palavra divina.⁷⁵

⁷² “Welche Bewegung entwickelt sich vom Anfang zum Ende? Ist diese theologisch sachgemäß? Entspringt sie dem Bibelwort? Haben Hörerinnen und Hörer eine Chance, hinein zu finden in diese Bewegung? Sofort lässt auch der Titel der Structure nach dem Mittel fragen: Wie sollen die Moves aufeinander folgen? Linear oder kreisend? Gibt es ein wiederkehrendes Leitmotiv? Wie werden die einzelnen Moves miteinander verbunden?” NICOL; DEEG, 2013, p. 17. (Tradução nossa).

⁷³ FILL, Alwin. *Das Prinzip Spannung: Sprachwissenschaftliche Betrachtungen zu einem universalen Phänomen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2003. p. 16-17.

⁷⁴ “Die Predigt, die endgültig davon ablässt, Spannungen zu lösen, geschieht in der Erwartung, dass Gott selbst den letzten Akt inszenieren wird.” NICOL; DEEG, 2013, p. 17. (Tradução nossa).

⁷⁵ NICOL; DEEG, 2013, p. 18-19.

Outro passo importante aqui é a performance. Não somente se pensa na forma como as palavras são pronunciadas pela boca de quem prega, mas em toda a forma que adquire o texto bíblico em conjunto e em relação ao corpo de quem prega e ouve, da arquitetura, do som e da acústica, mas sobretudo, pela forma performática que o texto adquire na pregação. Afinal, como afirma o autor, o que significa uma partitura musical se ninguém a tocar?!⁷⁶ Por fim, deve haver entre pregador/pregadora e comunidade uma troca simultânea, que se revela através da fórmula explicação e aplicação. Nesse sentido, se destaca:

Como consequência: a hermenêutica sem homilética é tão inútil quanto homilética sem hermenêutica. Agora, quando o gato morde o rabo, isso só assusta quem ainda quer chegar do texto à prédica. Outros gostam desse jeito, e começam alegremente com a leitura da Bíblia & o fazer a prédica, homilética & hermenêutica, nenhum sem o outro e sempre se alternando.⁷⁷

1.3. Considerações finais

Este artigo consistiu na revisão de alguns pressupostos contemporâneos que dão base à ciência homilética. Desde as pesquisas da Nova Homilética, a compreensão do papel na igreja passou por uma renovação. Se antes a tarefa decorrente do trabalho homilético era pensada somente a partir da sua relação mais próxima com a teologia bíblica e sistemática, agora a pregação é também produto da reflexão no seu âmbito prático e em conexão com a práxis. Diferentes modelos ofereceram subsídios para compreender a relação da prédica com as pessoas que ouvem no âmbito do evento litúrgico-ritual. A pregação, como a práxis evangélica da comunicação do Evangelho, chegou ao chão, isto é, ao solo de onde

⁷⁶ NICOL; DEEG, 2013, p. 19.

⁷⁷ “In der Konsequenz: Eine Hermeneutik ohne Homiletik ist so sinnlos wie eine Homiletik ohne Hermeneutik. Wenn sich jetzt die Katze in den Schwanz beißt, dann schreckt das nur die, die noch immer vom Text zur Predigt gelangen wollen. Andere finden das gut, genau so, und beginnen fröhlich mit Bibellesen & Predigtmachen, Homiletik & Hermeneutik, keines ohne das andere und immer im Wechselschritt.” NICOL; DEEG, 2013, p. 20. (Tradução nossa).

brota a vida. A relação da pregação com a Bíblia passou a ser entendida e realizada também no diálogo entre a vida, a cultura, o mundo, a sociedade, e sobretudo, envolveu a compreensão de que vida e Bíblia estão intrinsicamente ligadas.

A pregação ocorre na relação com a realidade e o contexto daquelas pessoas que ouvem ou necessitam ouvir a Palavra de Deus. Essa viva voz que chega a algumas pessoas como grito de amor e êxtase, e para outras como um leve sussurro, como uma brisa de fim de tarde. Os métodos e as formas foram caminhos encontrados e utilizados para que essa voz seja compreendida como a viva voz do Evangelho. Eles pavimentam e dão às pessoas meios para compreender o que significa a palavra de Deus, ainda que para algumas seja loucura, parafraseando o apóstolo Paulo. Nenhum método é perfeito, pois cada um necessita ser contextualizado a partir do lugar no qual ocorre a proclamação e a comunicação do Evangelho. No entanto, eles indicam direções e clarificam o que significa a enunciação de uma palavra dialógica e comunicativa. A pregação como arte é linguagem, símbolo, dramatização, narração, palavra humana e divina, ação libertadora.

Referências

- BUTTRICK, David. *Homiletic: moves and structures*. Philadelphia: Fortress, 1988.
- CANGUILHEM, Georges. The living and its milieu. *Grey Room*, Cambridge (MA), n. 03, p. 7-31, 2001. Disponível em: <https://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/152638101300138521>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GANZEVOORT, R. Ruard. Narrative approaches. In: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Practical Theology*. Malden, Oxford, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012. p. 216.
- HOFFMANN, Andreas. Jeder Pfarrer ein Künstler: Kirche als Gesamtkunstwerk. *Geist und Leben*, Würzburg, v. 74, n. 6, p. 463-466, 2001.
- IMMINK, F. Gerrit. Homiletics: The current debate. *International Journal of Practical Theology*, v. 8, n. 1, p. 89-121, 2004. p. 90.

- LANGE, Ernst. Zur Aufgabe christlicher Rede. In: LANGE, Ernst. *Predigen als Beruf*. Aufsätze zu Homiletik, Liturgik und Pfarramt. 2. Aufl. München: Kaiser, 1982.
- LEWIS, Ralph L.; LEWIS, Gregg A. *Pregação indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Cómo leer los relatos bíblicos: iniciación al análisis narrativo*. Santander: Sal Terrae, 2000.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MCCLURE, John S. *Other-wise preaching: a postmodern ethic for homiletics*. St. Louis: Chalice Press, 2001.
- NICOL, Martin. Dramaturgical Homiletic in Germany—Preaching as Art among the Arts. *Homiletic*, Nashville, v. 29, n. 1, p. 12-19, 2004.
- NICOL, Martin. PredigtKunst: Ästhetische Überlegungen zur homiletischen Praxis. *Praktische Theologie*, Gütersloh, v. 35, n. 1, p. 19-24, 2000.
- NICOL, Martin; DEEG, Alexander. *Im Wechselschritt zur Kanzel: praxisbuch dramaturgische Homiletik*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.
- RIETVELD, David. A Survey of the Phenomenological Research of Listening to Preaching. *Homiletic*, Nashville, v. 38, n. 2, p. 30-47, 2013.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.), et. al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal, 2011.
- SOUZA, Mauro Batista de. A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007.
- SOUZA, Mauro Batista de. *Rhetorical resources for a homiletic of the oppressed: The new homiletics of Fred Craddock and Eugene Lowry and the liberation pedagogy of Paulo Freire*. Berkeley, 2004. Tese (Doutorado) – The Graduate Theological Union, Berkeley, 2004.
- VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis: narrative Verkündigung eine Homiletik für das 21. Jahrhundert*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2009.